de de gerir uma realidade feliz para as crianças e as futuras gerações, destarte, lançar mão de todos os saberes e práticas condizentes com uma sólida formação e com a realização destes jovens educandos é um dever que não pode ser negligenciado.

Nesse espírito cabe alguns elementos formadores, conscienciais, educativos e até políticos (no melhor sentido da palavra, onde no original grego pode-se interpretar o termo como a junção das palavras 'ética' e 'coletivo' enquanto um exercício do fazer público), ou seja, que as escolas proporcionem os procedimentos adequados ao lúdico, ao neuropsicoaprendizado e ao desenvolvimento com apoio dos poderes estabelecidos e de todos os agentes sociais.

Que os educadores, de todos os níveis, sigam em sua autoformação se inteirando dos constantes avanços teóricos e práticos que contribuam com seus méritos, capacitações e conquistas enquanto realidade no trato com seus alunos.

Que as famílias aprendam paripassu com seus filhos e se responsabilizem por eles, pela sociedade e pelo apoio que possam confirmar aos educadores e à comunidade escolar como um todo, sempre carente e alvo das maledicências dos reacionários de plantão que interpretam o lúdico e os fazeres da Neuropsicopedagogia como elementos desnecessários e/ou ineficientes, ansiando, descabidamente pela educação opressiva de antanho.

Seja como for, reconhecemos nisso que expusemos ao longo deste artigo, a pertinência, a necessidade e importância de trazer o lúdico como eficiente elemento pedagógico e que é de vital importância a continua formação do professor, ainda mais tendo como referencial a Neuropsicopedagogia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. Educação Lúdica: Técnicas e Jogos Pedagógicos. Loila, São Paulo, 2003.

BROUGÈRE, G. Brinquedo e Cultura. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ELIAS, N. O Processo Civilizador: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v I.

FONSECA, Vitor. Papel das Funções Cognitivas, Conativas e Executivas na Aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. Revista Psicopedagogia, Portugal. 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KISHIMOTO, Tizuku Morchida (Org.). O Brincar e suas Teorias. São Paulo: Pioneira,1998.

PERUZZOLO, S. R.; COSTA, G.M. T. Estimulação Precoce: contribuição na aprendizagem e no desenvolvimento de crianças com deficiência intelectual. Revista de Educação do Ideau. v. 10, Disponível em: https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/246_1.pdf.

Acesso em 13/10/2022.

RABELLO, E; PASSOS, J. S. Vygotsky e o Desenvolvimento humano. Rio de Janeiro, 2006.

SBNPp. Código de Ética Técnico Profissional da Neuropsicopedagogia. 2016. Disponível online em: www.sbnpp.com.br. Acesso em 13/10/2022.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989 .

PROCESSO AVALIATIVO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

EDER TEODORO DA SILVA

RESUMO

Ao longo dos anos em que a Educação Física se constituiu como disciplina do currículo escolar, a pedagogia tecnicista é uma tendência que se iniciou no Brasil entre as décadas de 60 e 70, suas contribuições para a formação do sujeito tinham alcances e formas distintas: por vezes, tendo a aptidão física como centro da proposta, ou seja, buscando métodos para os estudantes adquirirem aptidão física com consequências no meio social; em outros momentos, visando à aquisição de habilidades técnicas e, consequentemente, um perfil psicocultural de sujeito ativo fisicamente; em outras ocasiões, buscando o desenvolvimento de habilidades motoras e técnicas e aquisição de saúde em consequência da atividade física regular; e também destacando a aprendizagem de habilidades técnicas desportivas e a detecção de talentos para atividade esportiva-sendo que até o atual momento percebem-se algumas de suas características. E no método de avaliar não é diferefente, pois ainda observamos alguns professores e professoras com dificuldades e incertezas. Para levar os estudantes a conhecer o próprio corpo, diversidade cultural, adquirir conhecimento científico, entre outros, um excelente caminho é diagnóstico prévio e análise constante.

INTRODUÇÃO

Atualmente existe um interesse muito

grande por parte dos educadores em buscar um melhor aprimoramento no ensino, de modo que conteúdos sejam apreendidos pelos estudantes de forma cada vez mais eficaz. Não é diferente entre educadores da área da Educação Física. Entretanto, neste âmbito deparamo-nos com um dilema histórico que ultrapassa a metodologia e envolve toda uma ideologia fortemente enrraizada na nossa cultura e que se refere não somente à Educação Física Escolar, mas a toda a história do desporto no Brasil, e os papéis que este tem cumprido na nossa sociedade ao longo do tempo.

Na Educação Física a avaliação é a chance de verificar se o estudante aprendeu a conhecer o próprio corpo, diversidade cultural, valorizar a atividade física e exercício físico como fator de qualidade de vida, entre outros eixos temáticos. Portanto, nada de considerar apenas a frequência às aulas, o uniforme ou a participação em jogos e competições, nem comparar movimentos técnicos e habilidades. Não há uma única fórmula pronta para avaliar, mas é essencial detectar as dificuldades e os progressos dos estudantes de maneira heterogênea.

História da Educação Física no Brasil

Antes de entrarmos no assunto métodos avaliativos em Educação Física, passaremos por alguns períodos históricos para compreendermos quais eram os objetivos e suas respectivas evoluções conforme a sociedade foi se transformando durante os anos.

A Educação Física Higienista predominou durante o período de 1889 a 1930, onde a ênfase era a saúde. A educação física deveria formar indivíduos fortes, saudáveis e sujeitos a aderir as atividades boas em detrimento de maus hábitos.

No século XIX a Ginástica Corporal é sistematizada, com objetivo de proporcionar a educação do corpo em função das necessidades das indústrias na época. Para RUI BARBOSA (1882) não existe outro meio que melhor influenciasse os jovens dos hábitos higiênicos que a Educação Física como disciplina escolar. A "higiene do corpo e a higiene da alma são inseparáveis".

Dentro destes preceitos sanitários, que ocorriam no país, buscava-se nas escolas, a educação integral do indivíduo, a busca de corpos saudáveis, regeneração da raça, promoção da saúde, busca de ensinamentos da moral e servir à pátria. Para Castellani (1988) corpo deveria ser saudável, robusto e harmonioso organicamente. Surge então, Educação Physica.

A Instituição Militar também foi uma grande influenciadora. O período da Educação Física militarista compreendeu-se enfaticamente entre (1930-1945) - buscava desenvolver o corpo, emprego da força física. Baseada no pensamento positivista, pautada na ordem social, visando o progresso do país, pois a Carta Régis sancionou a criação da Academia Real Militar. Os militares auxiliaram na sistematização de movimentos práticos, baseavam-se nos métodos europeus de ginástica, mais especificamente, o método alemão.

Nessa época, é possível perceber diferenças entre as atividades físicas e exercícios físicos entre homens e mulheres, criando estereótipos que algumas pessoas reproduzem até os dias atuais, dizendo que mulheres são mais frágeis que homens, por exemplo.

Nas escolas, os professores eram em sua maioria ex-praticantes de ginástica ou formados por escolas militares. Os exercícios físicos ganharam uma função na escola, a de produzir corpos saudáveis e fortes preparados para o trabalho nas indústrias, visto que, o Brasil iniciava o modo capitalista de produção.

Segundo GHIRALDELLI (1988) Com essa tendência o objetivo fundamental da Educação Física era a formação de jovens capazes de suportar o combate, a luta, e a guerra, com o objetivo de formar indivíduos perfeitos, ocorrendo a exclusão dos considerados inaptos. Promover os fortes e eliminar os fracos.

Nessa época, Através do Decreto-Lei nº 4.244 – De 9 de abril de 1942 Trata da lei Orgânica do Ensino Secundário, em seu capítulo XI "Das Lições e Exercícios", que regulamenta as especificações a respeito da participação dos alunos nas aulas de Educação Física e da presença de um médico nas aulas.

Os princípios da eugenia da raça, do adestramento e homogeneização dos indivíduos ficaram explícitos nestas leis. Os indivíduos portadores de necessidades especiais eram excluídos das práticas de exercícios nas aulas de Educação Física.

As aulas eram ministradas para diferentes faixas etárias, e series distintas. Todos tinham acesso a mesma aula, sendo desconsiderados o Princípio da Individualidade Biológica. Segundo WEINECK (1999) este princípio está relacionado a uma demanda de estímulos no treinamento que correspondem à aceitação, de cada pessoa e acordo com as suas necessidades, em cada fase de desenvolvimento do indivíduo.

Em relação a forma de avaliar, o Decreto-Lei nº 4.244, capítulo XII, intitulado "Da nota anual de Exercícios", explica as normas para lançamento das notas.

Segundo Nóbrega (1952) as aulas eram somente práticas, os únicos que tinham abono de faltas eram os alunos acidentados, cuja condição física estivesse os impossibilitando de frequentar as aulas de educação física, e no caso de alunos que "por defeito físico ou deficiência orgânica, não puderem fazer os exercícios ordinários, estes teriam seus exercícios prescritos pelo médico, que ficava presente

nas aulas de Educação Física. As provas eram estritamente práticas e de caráter técnico e objetivavam a verificar os efeitos dos exercícios.

Surge uma nova tendência na história da Educação Física brasileira que utilizava como conteúdos os jogos e brincadeiras, ginásticas, lutas e esportes, tendo destaque o basquete e voleibol, na época. Predominou durante o período pós-guerra (1945-1964). A tendência denominada Pedagogicista:

A visão Pedagogista valorizou a Educação Física, pautada nas raízes da Pedagogia Nova, os conhecimentos não deveriam formar homens robustos e adestrados fisicamente, mas, baseando-se somente na anatomia ou fisiologia, com um ideal positivista, a Educação Física deveria formar o indivíduo integralmente, para socialização, para educar. Substituindo os métodos mecânicos da prática.

O educando deixa de ser um reprodutor de gestos passa a ter consciência do seu corpo em relação ao meio social em que vive. A relação passa ser de alunoprofessor. González (2012)

A Educação Física Pedagogicista não visa somente a promoção da saúde, mas uma prática educativa, com novos meios de Educação: a dança, os jogos e os desportos que serviram de instrumentos para estimular os jovens para democracia e preparação das futuras gerações, com respeito as diferenças culturais, físicomorfológicas e psicológicas. Pela primeira vez a saúde passa a ser discutida de forma teórica e assuntos como primeiros socorros, higiene, prevenção de doenças e alimentação saudável são incorporados às aulas de Educação Física.

Entretanto, no período ainda não se notava uma preocupação com a saúde coletiva, e sim individual. Não havia discussões sobre lazer, moradia, emprego e saneamento, condições básicas para a saúde, na visão da Saúde Coletiva (FERREIRA, 2009).

Segundo BRACHT (1992) apesar dos diversos conteúdos oferecidos pela Educação Física com diferentes objetivos, como a interação dos grupos, cooperação etc., o foco da escola é exclusivamente a aprendizagem do esporte, a ginástica e a corrida, servia para aquecimento e os jogos populares foram transformados em "jogos pré-desportivos".

A partir do golpe militar de 1964, a Educação Física Escolar passou a ser uma ferramenta de propaganda do governo, que deu ênfase no treinamento para variadas modalidades esportivas, a preparação física e as competições.

Início da Educação Física Competitivista se deu por volta de 1964 e foi mais intenso até 1985. Indivíduos que tinham ideias contrárias aos do governo eram rigorosamente punidas com perseguições, cadeia, exílio e morte. Ocorrem a fiscalização de sindicatos, entidades estudantis e partidárias, que foram censurados. No final da década de 1960 e início da década de 1970 a economia brasileira começou a se recuperar e deu início a um período de intenso crescimento. Foram os

44 “anos de chumbo”, como ficou conhecido, devido à forte repressão militar, o “milagre econômico” (SERIACOPI, 2005).

O Brasil consegue inúmeros resultados no esporte, tais como: o Tricampeonato da seleção brasileira de futebol, no México em 1970. Éder Jofre, no boxe e Maria Esther Bueno, no tênis.

Para Germano (1994) a Educação Física neste período baseava-se na busca pelo desempenho esportivo e pela vitória. As aulas deveriam ter o intuito de formar atletas, os alunos deveriam ter condicionamento físico semelhante a um atleta, para que durante a competição pudesse ser equilibrada.

Segundo o Coletivo de Autores (1992), a influência do esporte no sistema educacional é tão forte que não é o esporte da escola, mas sim o esporte na escola. O esporte é, para essa fase, o objetivo e o conteúdo da Educação Física escolar e estabelece uma nova relação passando de professor-instrutor para professortreinador.

A década de 1980, no Brasil vivia-se um momento de crise, existia a necessidade de alterações no sistema econômico, político e na educação. O Brasil fez a transição em sua forma de modelo político, deixou de ser ditatorial e passou a ser um modelo de redemocratização. No campo educacional, houve inúmeras críticas dos educadores, que reivindicavam seus direitos diante da educação. “[...] reivindicava-se a definição de um corpo fundamental de conhecimentos; a formação pedagógica sólida e não fragmentada; a revisão do modelo curricular adotado; [...] a constituição de uma identidade profissional do docente (SOUZA NETO et al, 2007. p. 2).

Castellani Filho (2013) destaca dois motivos diferentes, porém que se entrelaçam nas mudanças ocorridas na Educação Física. O primeiro motivo era a necessidade de formar cidadãos com consciência crítica. O segundo motivo está relacionado a produtividade, a automação da mão de obra deixou o modelo de força de trabalho humana, em segundo plano.

A Educação Física perde um pouco da sua especificidade e começa a buscar a sua legitimação e relevância para sociedade. Diante dessas discussões, surgiram algumas propostas de abordagens na Educação Física, são elas: a psicomotricidade, a desenvolvimentista, a construtivista, a crítico-superadora e a crítico-emancipatória, com o intuito de romper com os paradigmas mecanicistas, esportivista e tradicional (DARIDO, 2003).

A primeira referência que influenciou a

Educação Física, na área pedagógica, foi a Psicomotricidade. O professor de Educação Física passa a ter responsabilidades escolares e pedagógicas, pela primeira vez.

A psicomotricidade está atrelada ao controle mental sobre a expressão motora. Busca obter uma organização que pode atender de forma consciente e constante as necessidades do corpo. [...] É também, a percepção de um estímulo, interpretação deste e elaboração de uma resposta adequada (FONSECA, MENDES, 1987).

A Educação Física na perspectiva Psicomotora, passa a se relacionar com os processos cognitivos, afetivos e motores. A preocupação com ato de ensinar e aprender e ver o aluno como um ser que necessita de uma educação que contemple a formação integral.

Segundo Darido (1997) o principal objetivo da abordagem desenvolvimentista é oferecer ao aluno condições de desenvolver seu comportamento motor através da diversidade e complexidade de movimentos. Busca uma fundamentação para a Educação Física escolar. Destinada a crianças na faixa etária de 4 a 14 anos.

Busca privilegiar a aprendizagem do movimento embora possa estar ocorrendo outras aprendizagens em decorrência das habilidades motoras. O desenvolvimento cognitivo (alfabetização e pensamento lógico-matemático, por exemplo) pode ocorrer como subproduto não sendo objetivo prioritário. O movimento é o principal meio e fim da Educação Física, busca desenvolver os movimentos do simples para o mais complexo.

A abordagem crítico-interacionista influencia a Educação Física brasileira nos anos 1970 e 1980. O autor Freire foi o responsável pela obra "Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física", que representou os princípios norteadores desta abordagem. No Brasil, primeiramente por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, utilizou como princípios as ideias de Jean Piaget Por isso, faz críticas à forma como a escola tradicional trabalha com a disciplina do corpo da criança e o movimento estereotipados e imóveis para a aprendizagem de conceitos teóricos, privando-as de liberdade de movimentos. O jogo é o conteúdo/estratégia capaz de auxiliar na aprendizagem.

Freire (1989) atribui a Educação Física o papel de desenvolvimento de habilidades motoras, através de brinquedo e de jogo, pertencentes à cultura infantil.

Os conteúdos, na abordagem construtivista, devem obedecer a uma progressão pedagógica, as habilidades, mais simples (habilidades básicas) para as mais complexas (específicas).

Em contraposição aos métodos tradicionais e a abordagem Psicomotricista, onde a avalição privilegiava os padrões de movimentos e o desenvolvimento motor de acordo com a faixa etária. Freire (1989) critica as avaliações que leva em consideração somente os aspectos motores, propõe que as avaliações possam abranger também o comportamento social, possibilitando uma análise qualitativa, através da observação das relações entre as crianças e dos diálogos entre elas e o professor.

Com um posicionamento mais crítico, surge a abordagem crítico-superadora que tem como referência a obra "Metodologia do ensino de Educação Física", publicada em 1992, por um grupo de pesquisadores que ficou conhecido como coletivo de autores composto por Carmem Lúcia Soares, Celi Nelza Zülke Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar e Valter Bracht. A abordagem crítico-superadora baseia-se nos pressupostos da pedagogia históricocrítica de Demerval Saviani. É uma concepção propositiva, visto que, designa critérios para a sistematização dessa disciplina no âmbito da escola.

Para Souza (SOARES et al., 1992) na abordagem crítico-superadora o modo de pensar esta pedagogia deve ser diagnóstica, judicativa e teleológica. Define-se diagnóstica porque faz constatação e a leitura dos dados da realidade, judicativa porque julga a partir de interesses de determinada sociedade e teleológica porque busca uma direção.

A finalidade desta abordagem é a transformação social através da historicidade dos conhecimentos e, com isso, estabelecer requisitos para implantação da Educação Física na escola.

Outra abordagem com o viés crítico é a abordagem crítico-emancipatória8 , baseada nos ideais da Filosofia, Sociologia e política. O precursor desta abordagem foi Elenor Kunz. Que se inspirou nas ideias de Jurgen Habermas, e a tendência educacional progressista crítica (LARA et al., 2007).

Esta abordagem parte de uma concepção de movimento, denominada dialética, pois tem na linguagem do movimento humano um meio de se relacionar com o mundo social. Tem a prática do esporte como elemento para transformar didático-pedagogicamente a educação, para que esta favoreça para a reflexão crítica e emancipatória das crianças e jovens.

O esporte como conteúdo nas aulas de Educação Física deve ultrapassar a visão de alto rendimento, padrões de movimento corretos, o esporte deve ser adaptado para escola, configurando o que Kunz (1994) chama de esporte da escola, em contraposição ao esporte na escola como ocorria no esporte de alto rendimento. O conteúdo esporte, deve ser trabalhado de diferentes formas e perspectivas, não apenas prático, mas deve ser problematizado. A transformação didático pedagógica do esporte, abordada por Kunz (1994) pretende um ensino de libertação de falsos interesses que foram cultivados nos alunos, a partir de

um ponto de vista de mundo engessado, a partir do contexto social em que está inserido.

A abordagem sistêmica, representada por Mauro Betti, em sua obra

"Educação Física e Sociedade", publicado em 1991. Foi baseada nas áreas da Sociologia, a Filosofia e Psicologia. Betti (1991) inspirou-se em Bertalanffy e suas teorias de sistemas, na forma de refletir o currículo escolar. O autor desenvolve os conceitos de hierarquia, tendências auto afirmativas e auto integrativas.

A abordagem sistêmica prega a não-exclusão, ou seja, todos os alunos devem ser inseridos nas aulas e a diversidade de conteúdo, possibilitando a escolha de diferentes atividades da cultura corporal de movimentos. Nesta perspectiva os conteúdos devem ser selecionados de forma a oportunizar aos alunos vivenciar experiências das manifestações e da cultura corporal como o jogo, dança, esportes, lutas e ginásticas sem deixar de levar em consideração as questões cognitivas e afetivas envolvidas em suas práticas (DARIDO, 1999).

Avaliação em Educação Física

Para se compreender o papel da Educação Física no Ensino Fundamental, vale destacar alguns pontos referentes à experiência do fazer escolar desse componente curricular dentro da escola. Se em décadas passadas, saber fazer ou jogar bem alguma prática corporal da Educação Física era o objetivo máximo da vivência escolar, hoje se entende, a partir dos diversos estudos e discussões da área, que muitos fenômenos estão associados ou ligados de forma imanente à cultura corporal, e sua compreensão se faz uma tarefa urgente e fundamental para a aprendizagem dos estudantes.

Para tanto, não basta fazer. É preciso refletir, questionar, experimentar, modificar e compreender. Foi compreendendo suas ações que o homem criou os símbolos e assim vingou como espécie. Esses símbolos são transmitidos e criados a todo instante. A criação é vivida, imaginada, e representada. A representação manifesta-se, vira ação e se transforma em expressões corporais. Ao brincar, dançar, lutar, fazer ginástica ou praticar esportes, os seres humanos se comunicam e transformam em linguagem o movimento recorrendo, para tal, ao universo simbólico disponível e transmitido de geração a geração. (SÃO PAULO, 2007b, p. 42).

O entendimento é que a escola é um espaço para a socialização do patrimônio cultural acumulado pela humanidade, e a Educação Física escolar nos dias atuais busca proporcionar aos estudantes das diferentes etapas da escolarização o acesso a essa riqueza material e simbólica, tendo como princípio a equidade.

A escola pública é o local do encontro dos diferentes grupos sociais e seus marcadores identitários e, como lugar da diversidade, deve reconhecer que o acesso ao patrimônio cultural – tanto material como imaterial – precisa ser amplo, diverso e integral, abrangendo a multiplicidade de sujeitos. Daí a importância da equidade para que seja constituída uma experiência de aprendizagem e educação integral nas quais todos os envolvidos na cena pedagógica possam atuar e ter seu espaço garantido.

Diante desse contexto, a Educação Física como linguagem valoriza e reconhece essa diversidade e busca criar um ambiente propício para que as diferentes narrativas possam se manifestar a partir de suas próprias culturas. Tratar a cultura corporal dessa maneira não é valorizar o que no senso comum se diz ser "teoria" em detrimento da prática. Pelo contrário, é compreender que a vivência

(prática refletida) só é ampla e integral se atuamos sobre o "saber fazer", atribuindo, problematizando e produzindo significados.

A linguagem corporal é indissociável do ser, da subjetividade das pessoas, e não há existência fora da corporeidade. Assim, o ser brincante, o ser lutador, o ser esportista, o ser ginasta e o ser dançante são formas de ser, estar e se comunicar no mundo. Os significados são partilhados e legitimados pela experiência e recorrência com o que acontece em diferentes espaços sociais.

Portanto, a vivência coletiva é fundamental para compormos nossa linguagem corporal e, consequentemente, nossa subjetividade. O desafio que cabe aos professores é acessar as diferentes práticas corporais nas quais os estudantes estão imersos e dar o tratamento pedagógico a essas experiências, pois os significados dados a esses signos da linguagem corporal organizam as formas de pensar, de agir, de sentir e de expressar- -se das pessoas. É o que constitui o indivíduo na sociedade.

Como a cultura é uma produção coletiva, cada grupo cultural vai criar e recriar seus marcadores identitários. Seu posicionamento no mundo se dá por meio dessas expressões corporais e gestuais. Portanto, todas as manifestações da cultura corporal produzem marcas identitárias, legitimadas por certos discursos que ora incluem ora excluem os sujeitos, de acordo com o espaço social que ocupam.

Assim, "existe um único jeito certo de fazer" ou "essa atividade é só para meninos" ou "meninas não brincam disso, porque é coisa de menino" etc., vão delimitando e excluindo os sujeitos, além de silenciarem toda a vasta experiência corporal que as pessoas trazem.

Se a escola é o espaço em que o patrimônio cultural é partilhado, problematizado e ressignificado, os estudantes devem ter

acesso as mais diversas linguagens corporais, ampliando suas experiências culturais e de conhecimento. Estudar e aprender sobre a cultural corporal traz diversas maneiras de entender o mundo e a si mesmo, pois, como fenômenos desse processo pedagógico, os temas ou saberes sobre o corpo e o movimento estão presentes e marcados no espaço/tempo das diversas práticas corporais.

Aspectos como saúde coletiva, maturação/envelhecimento, qualidade de vida, treinamento/destreinamento, além dos apresentados nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), podem ser estudados a partir desse processo investigativo de uma ou mais manifestações culturais, inclusive estabelecendo uma interação e integração com outros componentes curriculares. Desse modo, entendese que a aprendizagem da Educação Física seja fundamental para o alargamento das possibilidades de escolha consciente dos sujeitos.

Seu objetivo não é desenvolver capacidades que auxiliem a alfabetização e o pensamento lógico-matemático, embora tais aprendizagens possam ocorrer como um subproduto dessas práticas. Na escola, por exemplo, o objetivo do ensino da Educação Física é tematizar as práticas corporais, concebendo-as como um conjunto de práticas sociais centradas no movimento, realizadas fora das obrigações laborais, domésticas, higiênicas e religiosas, nas quais os sujeitos se envolvem em função de propósitos específicos, sem caráter instrumental.

Nessa explicação, fica evidente que as práticas corporais propiciam ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimentos e de experiências à qual ele não teria de outro modo. Assim, entende-se que as aulas de Educação Física não são um meio para se aprender outros conteúdos, mas sim uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível.

Outro tema de suma importância é a avaliação de maneira interdisciplinar, pois o conhecimento fragmentado não garante uma visão ampla e complexa da realidade, podendo gerar equívocos e interpretações que promovam a exclusão. Desta maneira, os conhecimentos da cultura corporal mobilizam ações interdisciplinares a ponto de garantir uma aprendizagem com equidade.

A interdisciplinaridade é caracterizada pelo grau de interação e integração com os demais componentes curriculares num projeto pedagógico. Pode-se considerar que determinados conhecimentos exigem que as barreiras de um componente curricular sejam transpassadas para que as aprendizagens de outras áreas sejam mobilizadas, possibilitando o alargamento ou o aprofundamento desses saberes.

Conceitos que emergem da experiência/vivência, reflexão e debate sobre o tema articulados às demandas trazidas pelos estudantes também mobilizam o deslocamento de nosso campo de conhecimento para interagir e integrar com outros. É preciso compreender que, para desvendar a complexidade de certos fenômenos da natureza, da vida e, neste particular, da cultura corporal, a quebra e o rompimento das fronteiras do componente curricular são essenciais para encontrar novas explicações para esses elementos, já que a interdisciplinaridade não posiciona as disciplinas em hierarquia, mas propõe que caminhem juntas

Portanto, a avaliação é um ato pedagógico, que subsidia as decisões do professor, permite acompanhar a progressão das aprendizagens, compreender de que forma se efetivam e propor reflexões sobre o próprio processo de ensino.

No que se refere aos tipos de função, a avaliação formativa possibilita a realização dos processos de regulação de professores e estudantes, uma vez que dá sentido ao trabalho docente, que é o alcance dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento e, também, fornece informações ao estudante, indicando o quanto ele evoluiu, o que ainda não sabe, mas também o que sabe naquele momento. Para que esteja inserida na continuidade do processo de ensino, fornecendo informações para o ajuste das atividades de ensino e aprendizagem, é necessário que o professor introduza na sua rotina momentos para realizar feedbacks ou devolutivas aos estudantes. Além disso, utilizamos a avaliação diagnóstica para identificar o que já sabem os estudantes sobre determinado conteúdo ou tema. E se a avaliação ajuda o professor a verificar se os objetivos propostos foram atingidos ou ainda mapear quais as dificuldades que os estudantes sentiram ao término de uma ação pedagógica, ela é chamada de cumulativa.

Outro caminho necessário para envolver os diferentes sujeitos no percurso de avaliação é a qualificação dos professores e professoras através de estudos, formações, e, não menos importante, ação-reflexão-ação, pois é de suma importância o profissional realizar uma autoavaliação para aprimoramento do fazer educativo e garantindo o direito de todos por uma educação de qualidade com equidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale ressaltar, que todas as formas de avaliações na disciplina de Educação Física, podem ser adaptadas (linguagem escrita, verbal, corporal), pois dessa maneira, iremos oportunizar todas e todos estudantes em suas diversidades com equidade. Além disso, o trabalho interdisciplinar amplia e aprofunda os conhecimentos, possibilitando os estudantes um entendimento maior não apenas sobre si mesmo, mas também referente o comportamento da sociedade. Devemos considerar